



O discurso missionário de Mt 10,5-16 e a eclesiologia missionária de Francisco

The missionary discourse in Mt 10:5-16 and the missionary ecclesiology of Francis

Junior Vasconcelos do Amaral*
Solange Maria do Carmo**

Resumo

O presente artigo se propõe a perceber na eclesiologia do Papa Francisco os elementos teológicos que fundamentam o envio missionário dos Doze presente no segundo discurso de Jesus conforme relato do Evangelho de Mateus. Para fins de estudo, primeiramente foi feito um recorte textual, delimitando Mt 10,5-16 dentro do discurso missionário (Mt 10,1-42). A organização da perícopa, o sentido de suas principais palavras e sua mensagem final indicam o teor da missão dos Doze. Em seguida, alguns escritos de Francisco foram vasculhados, principalmente a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, no intuito de fazer um paralelo entre a missiologia do Papa argentino e a de Mateus. Como o primeiro evangelista, Francisco tem se mostrado grande defensor de uma igreja missionária. Ele envia os discípulos de hoje em missão. Deseja que a igreja esteja mergulhada nas realidades do mundo e que seus líderes e agentes de pastoral não tenham medo de se misturar às suas ovelhas. Uma Igreja que se arrisca, que não tem medo de errar, que sai de si, que se faz pobre para os pobres e que anuncia a paz: é isso que Francisco tem deixado como legado em todo seu pontificado e que já se encontra em germe no Evangelho de Mateus.

Palavras-chave: Missão. Igreja. Papa Francisco. Evangelii Gaudium. Pobres. Paz.

Abstract

This paper offers a perception on ecclesiology of Pope Francis, the theological elements that base the missionary sending of the Twelve in the second speech of Jesus as reported in the Gospel of Matthew. A textual delimitation was first made, we read Mt 10:5-16 within the Missionary Discourse (Mt 10:1-42). The organization of the pericope, the meaning of its main words and its final message indicate the tenor of the mission of the Twelve. Then, some of Francis' writings were searched, mainly the Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium, making a parallel between the missiology of the Argentine pope and that one found in Matthew. As the first evangelist did, Francis has defined himself as a great defender of a missionary church. He sends the contemporary disciples on a mission. He wishes the church to be immersed in the realities of the world and that its leaders and pastoral agents are not afraid to be with their sheep. A Church that takes risks, that is not afraid to make mistakes, that goes out of itself, that makes itself poor for the poor and that announces peace: this is what Francis has been giving as a legacy in all his pontificate and that is already in germ in the Gospel of Matthew.

Keywords: Mission, Church, Pope Francis, Evangelii Gaudium, Poor, Peace.

Artigo submetido em 17 de dezembro de 2020 e aprovado em 1 de dezembro de 2021.

* Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE. Professor da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br.

** Doutora em Teologia pela FAJE. Professora da PUC Minas e do ISTA. País de origem: Brasil. E-mail: carmosolange@gmail.com.

Introdução

O discurso missionário de Mt 10,1-42, cujos paralelos se encontram em Mc 6,8-11 e Lc 9,2-5.10,3-12, é o foco deste trabalho. Conhecido como sermão missionário ou do envio, é o segundo dentre os cinco discursos de Mateus. Para este trabalho, um recorte textual será efetuado, isolando Mt 10,5-16 do restante da perícopes. A narrativa se encontra delimitada entre a escolha e o chamamento dos Doze (vv. 1-4) e as perseguições que acometerão os missionários (vv. 17-25). Trata-se de um relato repleto de didaskália, um tipo de ensinamento de Jesus acerca do discipulado ou da vida missionária dos seus seguidores.

Após devida análise do texto, será feita uma correlação do mesmo com a eclesiologia do Papa Francisco, que propõe uma Igreja em saída e missionária, uma Igreja pobre para os pobres e uma instituição cuja mensagem fundamental é a paz, o shalom proposto por Jesus de Nazaré.

1 Tradução instrumental

Estes Doze enviou Jesus tendo lhes instruído dizendo: No caminho dos gentios não saias e à cidade de samaritanos não entreis. 6 Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. 7 Indo, proclamai dizendo: Aproximou-se o reino dos céus. 8 Aos Doentes curai, aos mortos ressuscitai, aos leprosos purificai, os demônios expeli; de graça recebestes, de graça dai. 9 Não adquirais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos, 10 nem bolsa para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão; digno, porém, é o trabalhador de seu alimento. 11 Em qual cidade ou aldeia entrardes, indagai quem nela é digno e ali permaneçei até que saiais. 12 Entrando em uma casa, saudai-a 13 e, se for a casa digna, que venha a vossa paz sobre ela; se não for digna, a vossa paz a vós seja retornada. 14 E quem não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade sacudi o pó dos vossos pés. 15 Amém, digo-vos: mais tolerável será para a terra de Sodoma e Gomorra o dia do juízo do que para aquela cidade. 16 Eis que vos envio como ovelhas em meio aos lobos; sede, portanto, sábios como as serpentes e simples como as pombas. (Mt 10, 6-15).

2 Análise do texto

Faz-se oportuno, para melhor compreensão de Mt 10,6-15, observar alguns verbos e palavras que expressam significado ao discurso de Jesus; perceber a estrutura do texto, que forma a unidade literária dentro de um grande discurso, de Mt 10; comentar o texto bíblico, versículo por versículo, percebendo os principais elementos teológicos da narrativa; perceber a hermenêutica textual, teológica e pragmática do relato. Esses elementos da narrativa servem de base

para correlacionar a ação de Jesus outrora com a eclesiologia do Papa Francisco nos tempos hodiernos.

2.1 Análise lexicográfica

Um pouco de conhecimento das palavras, sua origem e seus significados, ajuda a mergulhar nos mistérios do texto.

O verbo que dá início à perícope é *enviar*. No grego, *apésteilen*, que quer dizer *enviou*, é proveniente de *ἀποστέλλω*¹, literalmente (*eu*) *envio*, que diz respeito à atitude de Jesus em relação aos Doze (*Dódeka*). *Apostéllo* vem de *apó*, que significa longe, e *stéllō*, que significa enviar. O termo ocorre 25 vezes em Mateus, com inúmeras declinações temporais.

O substantivo *dódeka* está relativo ao verbo *apostéllo*. Sua primeira ocorrência se dá em Mt 9,20, para designar os 12 anos que a mulher hemorroísa sofreu com fluxo de sangue. No Novo Testamento, são 75 ocorrências do numeral. Em Mt, são ao todo 13 aparições, sendo que no discurso de Mt 10 o termo aparece 3 vezes (vv. 1.2.5). Tais ocorrências correspondem a um quarto do total do Evangelho, o que demonstra sua importância nessa perícope.

No versículo 7, o verbo *kerýssete*, que significa proclamar, vem de *kērýssō*, e tem sentido de pregar, anunciar uma mensagem em público e com convicção. O termo está intimamente ligado a evangelizar. O termo *kērýssō* pode também designar um arauto, ou seja, aquele que prega o *evangelho* de Deus.

No versículo 8, lê-se: “Aos doentes curai, aos mortos ressuscitai, aos leprosos purificai, os demônios expeli; de graça recebestes, de graça dai”. O substantivo *asthenountas*, aqui traduzido como doentes, poderia ser traduzido também por fraco. Em português, seriam boas expressões os termos *extenuados* ou *enfraquecidos*. Em consonância com o v. 1 do capítulo 10, no qual se lê que Jesus chamou os Doze e deu-lhes autoridade para expulsar os espíritos impuros e curar toda sorte de males e enfermidades, segue a ordem de curar e libertar. É neste arco entre a cura e a libertação que a missão dos Doze transita, ambas

¹ Cf. Ortiz (2008). Contamos, para segura compreensão do grego, com a tradução deste dicionário.

entendidas como ações que configuram a chegada do Reino de Deus, conforme indica o v. 7.

A sentença “aos mortos ressuscitai”, *nekrous egeírete*, vem de *egeró*, que decorre 25 vezes no Evangelho de Mateus, podendo ganhar o sentido de erguer-se, levantar-se ou despertar para algo². O verbo, que, literalmente, significa *acordar do sono*, é muitas vezes usado no sentido figurado de livrar-se de uma doença, da morte ou da obscuridade, da inatividade, ou ainda sair das ruínas da não-existência. A expressão *egeíro* pode ser encontrada 144 vezes em todo o NT. É importante notar que os verbos do v. 8 estão no tempo presente, no imperativo ativo, na 2ª pessoa do plural. Trata-se de uma sequência de mandatos apostólicos repletos de ação: curai, ressuscitai, purificai, expulsai ou expeli. Os imperativos ditos aos Doze têm referência com a *exousía* de Jesus, o poder autoridade que o caracterizava e que ele demonstrou possuir na parte narrativa que precede o sermão, os capítulos 8 e 9. Cheio de *exousía*, Jesus ordena a seus discípulos a continuar sua missão, a realizar as mesmas obras que ele realizou.

Depois da ordem positiva de fazer ações como curar, ressuscitar, purificar e expulsar, os versículos 9 e 10 trazem algumas advertências no negativo: “Não adquirais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos, nem bolsa para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão; digno, porém, é o trabalhador de seu alimento”. A ordem “não adquirais”, no grego *ktésethes*, provém de *ktáomai*, que tem sentido de adquirir, ganhar ou comprar.

O lexema relativo à cidade, *axía*, do v. 13, que quer dizer digna, deriva de *áxios*. É o mesmo vocábulo que se encontra no v. 9, quando Jesus afirma que o operário é digno de seu alimento. Trata-se de um adjetivo que vem de *axō*, que significa em português pesar ou atribuir o valor correspondente.

No v. 14 encontra-se a expressão “sacudi o pó dos vossos pés”. O verbo principal *ektinásson* pode corresponder a um gesto simbólico ou profético, no qual a pessoa expressa seu desprezo extremo pelo outro e se recusa a ter qualquer contato com ele, até mesmo com o pó da cidade que se grudou em seus pés. Neste

² De acordo com Mackenzie, “a ressurreição dos mortos pode ser concebida de duas maneiras: a restituição de uma pessoa morta às condições da vida presente ou a dádiva ao morto de uma nova e permanente forma de vida” (MACKENZIE, 1983, p. 791).

caso, a rejeição é tal que nem a poeira da cidade pode ficar impregnada nas sandálias do evangelizador. Expressão próxima aparece em At 13,51 e 18,6 quando se fala sacudir o pó das vestes.

No v. 16 encontramos *egó apostéllo*, que significa “eu envio”. O verbo enviar aqui presente faz inclusão com o v. 5, que abre a perícope em análise. Assim, é possível ver o sentido estrutural da mesma, que está aberta por *apéstelein* e encerrada por *apostéllo*.

Por fim, no v. 16, aparece o substantivo *phrónimoi*, que pode ser traduzido por sábios, significando aquilo que é refletido em nossas opiniões pessoais ou cultivado nas entranhas viscerais.

2.2 Análise estrutural

A perícope é formada por um conjunto de sentenças didáticas que Jesus, o Mestre, compartilha com os discípulos, seus aprendizes. A estrutura é simples, em forma de ditos ou *masal*, modo de falar utilizado pelos rabinos desde tempos antigos e ainda presente no tempo de Jesus.

O texto encontra-se emoldurado por duas expressões que se repetem no começo e no fim do relato: o verbo *enviar* e o substantivo *ovelhas*.

A primeira ocorrência do verbo enviar (*apéstelein* – v. 5) aparece na terceira pessoa do singular, no aoristo, modo indicativo ativo, que foi traduzido por *(ele) enviou*. O segundo (*apostéllo* – v. 16) está na primeira pessoa do singular, no presente indicativo ativo, traduzido por *(eu) envio*. Assim, a perícope se encontra emoldurada por um passado próximo, que acabou de acontecer, e um presente ativo, que indica o que se faz necessário para a ação se concretizar.

Quanto ao substantivo ovelhas, este também tem duas ocorrências: no v. 6, Jesus envia os Doze às “ovelhas perdidas da casa de Israel” e, no v. 16, Jesus avisa que os Doze vão para a missão como “ovelhas em meio de lobos”. O substantivo neutro e plural (*próbata*), traduzido por “ovelhas”, está assim localizado no início e no fim da perícope, configurando-se como um segundo elemento emoldurador, juntamente com o primeiro elemento, o verbo enviar.

2.3 Comentário do texto

A sentença didática “ovelhas perdidas da casa de Israel” (v. 6) corresponde a uma expressão encontrada em Ez 34,2-6 e refere-se primeiramente a Israel como um todo, incluindo as “tribos perdidas” e também os ‘*am há ares*, literalmente o “povo da terra”, pessoas “que, por alguma razão, (precisam sustentar-se, profissão mal afamada, falta de interesse ou instrução), foram marginalizadas, alienadas dos principais círculos de liderança e zelo religioso.” (VIVIANO, 2011, p. 171). Para com elas, as ovelhas perdidas, Jesus tem uma especial atenção, apesar de essa não ser única e exclusiva.

A expressão “o Reino dos céus está próximo” (v. 7) mostra a consciência que os Doze devem ter da urgência do anúncio que lhes é confiado. O termo aparece também no anúncio feito por João, o Batista (Mt 3,2), e na pregação inicial de Jesus, presente em Mt 4,17.

A fórmula “de graça recebestes” (v. 8), que pode ser traduzida por “livremente recebestes”, faz pensar a gratuidade da justificação, tema importante para o Apóstolo Paulo (Rm 3,24) e a gratuidade do anúncio do Evangelho de Deus (2Cor 11,7). O foco da expressão se encontra na tarefa de anunciar a boa nova sem nenhuma preocupação retributiva. Assim, o discípulo deve sentir-se agraciado pelo convite do seguimento e se responsabilizar pelo anúncio, que não lhe traz riquezas, mas o necessário para seu digno sustento. Esse ideal, compartilhado também por alguns rabinos, é complementado com o v. 10b, o trabalhador é digno de seu alimento, expressão encontrada em Nm 18,31. Apesar da gratuidade do anúncio, o missionário precisa se alimentar. A tensão, afirma Viviano, “entre estes dois princípios não é absoluta, mas o equilíbrio é delicado.” (VIVIANO, 2011, p. 171).

No v. 9, encontra-se a ordem “Não adquirais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos” que, a princípio, parece desconexa com a proibição do v. 10 de levar duas túnicas, sandálias (ou calçado)³ e até mesmo um cajado para a viagem.

³ No grego de Mt 10,10 encontramos o substantivo ὑποδήματα, que pode ser traduzido por “algo preso sob os pés” ou “sandálias”. No grego de Mc 6,9 encontramos o substantivo *sandália* (gr. σανδάλια), derivado de *sandálon*, “chinelos” ou “sola”. No dicionário do grego do Novo Testamento, o termo *upódema* pode ser traduzido por “calçado” ou “sandália” (cf. Mt 3,11;10,10; Mc 1,7; Lc 3,16;10,4;15,22;22,35; Jo 1,27 e At 7,33;13,25). (ORTIZ, 2008. p. 286).

Diferentemente de Mateus, em Mc 6,8-11 encontra-se a permissão de levar sandálias, necessárias para suportar os caminhos pedregosos da Palestina, e um cajado, instrumento muito usado para afastar animais selvagens e assaltantes, ou para ajudar a equilibrar o peso do corpo em terrenos acidentados.

No v. 11, encontra-se a orientação para, antes de entrar nas cidades, indagar acerca das disposições das pessoas. Tendo entrado, os Doze deverão permanecer nessa companhia até a hora da partida: “Em qual cidade ou aldeia entrardes, indagai quem nela é digno e ali permaneci até que saiais da cidade”. Mateus indica que os missionários devem depender da hospitalidade local, compartilhando do modo de vida das pessoas a quem são enviados.

Nos vv. 12 a 15, fica observada a necessidade de fazer comunhão com a casa digna; se essa dignidade não é encontrada, até a poeira dos pés deve ser sacudida. O missionário não pode fazer comunhão com quem rejeita a palavra de vida que ele anuncia.

No v. 16, o paralelismo antitético marcado por sábios como as serpentes e simples como as pombas ganha realce. Para Viviano, “o dito é importante ao distinguir a inocência da credulidade ingênua.” (VIVIANO, 2011, p. 172).

2.4 Hermenêutica textual

Para Barbaglio, “os limites da missão e o comportamento dos missionários formam os temas dos vv. 5-16.” (BARBAGLIO, 1990, p. 177). A perícopes, que se insere no todo do discurso apostólico, é um conjunto de instruções aos Doze, designados apóstolos. Trata-se de uma graduação que vai de discípulo para apóstolo, de *mathetés* a *apostéllo*, expressão que provavelmente vem da palavra aramaica *shaliah*⁴. O discípulo é aquele que segue seu rabi corpo a corpo; o apóstolo, por sua vez, é aquele que é enviado por seu rabi, ou mestre, com uma missão a cumprir.

O versículo 5b limita a missão dos Doze à Palestina. Estes não devem ir aos

⁴ Shaliah vem do hebraico שליח, [ʃaˈlijaχ]; pl. שליחים, shelihim [ʃəliˈχim] ou *sheliah* em Halakha é um emissário ou agente legal judeu. É um termo hebraico comparável da palavra grega ἀπόστολος (*apóstolos*). Segundo Navarro, o verbo hebraico *shalir* significa “enviou” ou “estendeu” (2010, p. 63).

gentios, possivelmente uma referência à Decápole, a Síria ou outras regiões gentílicas. Não devem também ir aos samaritanos, considerados judeus espúrios e cismáticos no sentido religioso. Não poucos judeus tinham desprezo por esses parentes. No Evangelho de João, Jesus é insultado com o título de “samaritano”, que é utilizado quase como um sinônimo de “possesso” (Jo 8,48). No Talmude, porém, pouco a pouco, haverá uma mudança na concepção sobre o povo samaritano, passando de gente desprezível a um povo estimado, mas não é esse o primeiro sentido que aparece nos Evangelhos.

O horizonte de ação dos Doze, segundo Mateus, se circunscreve no universo judaico, a casa de Israel. Assim, na ordem de Jesus, primeiramente os Doze deveriam levar a Boa Nova a seus compatriotas judeus. Essa é uma particularidade de Mateus, que escreve para cristãos de origem judaica, expulsos das Sinagogas por causa de sua opção de fé. Apesar da ordem de não extrapolar a circunscrição judaica, a ação de Jesus no Evangelho de Mateus se estende também aos não judeus, como é o caso do endemoninhado do país dos gerasenos (Mt 8,28) e da filha da mulher cananea (Mt 15,21-28). Contudo, para Mateus, mostra-se em primeiro plano a urgência de anunciar a boa nova ao povo eleito, herdeiro das promessas messiânicas. A universalidade da missão dos seguidores de Jesus mostra suas feições no começo do Evangelho com os magos que vão atrás de Jesus e no fim do mesmo na ordem dada pelo Ressuscitado aos seus seguidores de promulgar a boa nova e batizar todas as gentes (Mt 28,19-20). A missão de Jesus não se circunscreve exclusivamente a Israel, mas abre-se a todas as realidades.

Dos vv. 9 a 15, Jesus apresenta o projeto de pobreza missionária. Trata-se de viver um espírito de pobreza, à luz do sermão da Montanha, o primeiro dos cinco sermões de Mt 5-7, iniciado com a bem-aventurança dos pobres de espírito. Não levar nem ouro, nem prata, nem cobre no cinto corresponde a dizer não levar nenhum dinheiro. Os orientais levavam unidas a seus cintos umas bolsinhas para moedas, como uma espécie de doleira. Os Doze, no entanto, não deveriam levar bolsas nem sacos de viagem, tampouco qualquer provisão. A exigência provavelmente se refere à carência dos que serão visitados, que não devem ser humilhados pela abundância dos missionários.

Os enviados não devem também levar duas túnicas. A lista simples consiste de roupas de viagem. A regra fundamental é a “urgência sagrada da missão”. Para Viviano (2011), nenhuma outra preocupação pode desviar os missionários do foco. Segundo Mateus, os Doze não devem levar nem mesmo sandálias; já Marcos admite que podem ir calçados (Mc 6,9). A redação do Evangelho de Mc é anterior aos textos de Mateus e Lucas, levando a pensar numa maior austeridade vivida na comunidade mateana em tempos posteriores. Certamente essa exigência se contrapõe à opulência de alguns missionários que andavam cheios de apetrechos pregando outras filosofias, como alguns helenistas.

Na hospedagem, o apóstolo deve ser um proclamador da paz, do *shalom*, expressão usada para designar um estado de bem-estar e felicidade, repleto de todo tipo de bens temporais e espirituais e com conotação fortemente messiânica. “Se a casa for digna da paz”, que venha sobre ela a paz dos mensageiros. É esta a bagagem que os doze devem carregar na viagem: a paz que provém de Deus, que se mostra repleta de todas as bênçãos. Se essa paz não descansar sobre a casa, o missionário que a deseja será beneficiado com seu retorno. Num efeito bumerangue, a paz volta para aquele que a proclamou.

No versículo 15, o amém, normalmente traduzido por “em verdade”, abre a sentença referente à recusa da paz anunciada: “Amém, digo-vos: mais tolerável será para a terra de Sodoma e Gomorra no dia do juízo do que para aquela cidade”. Mateus faz menção a Sodoma e Gomorra (Gn 18,23-33; 19,1-29), cuja falta de cuidado com os hóspedes ficou registrada na história de Israel como digna do castigo divino (Is 1,9.10; 3,9; 13,19). A hostilidade dirigida aos missionários, divulgadores da boa nova, é entendida por Mateus como uma prática ainda pior que a dos sodomitas, que não souberam exercer a hospitalidade.

Por fim, no v. 16, Mateus descreve Jesus antevendo um ambiente hostil ao evangelho e, é claro, aos seus mensageiros. A imagem das ovelhas e dos lobos evidencia a fraqueza dos missionários mediante à perspicácia de seus adversários. Os enviados deverão ser espertos ou sábios como as serpentes, mas simples como as pombas. Com esse versículo, Mateus prepara o texto seguinte no qual tratará das perseguições (vv. 17-25). Nas advertências acerca das perseguições, fica

evidente que a comunidade mateana enfrentava muitos desafios no que tange à evangelização, ao anúncio da boa nova.

2.5 Hermenêutica teológica e pragmática

A perícopes em questão coloca a comunidade leitora diante das dificuldades da missão. Apesar disso, o leitor-discípulo depara-se com palavras de incentivo e ânimo, os ensinamentos de Jesus, sua *didaskália*. Trata-se de uma formação prévia dos discípulos acerca das realidades que iriam enfrentar no ato de se tornarem apóstolos, enviados de Jesus.

As tribulações enfrentadas pelos enviados não provêm de Deus, que não quer o sofrimento de ninguém. O sofrimento é inerente à condição-realidade do caminho, ou ainda uma consequência natural da fidelidade ao evangelho anunciado. Os enviados, no caso os Doze, que representam o novo povo de Israel, não devem assumir a missão iludidos. Devem estar conscientes dos percalços do itinerário apostólico. Doze é teologicamente um número memorável; pressupõe a instituição de um ministério e uma investidura. Mateus soleniza a apresentação dos nomes dos apóstolos no início do capítulo 10, pois o nome já diz sobre a pessoa e conseqüentemente aponta para sua missão.

Os enviados devem anunciar a paz; sair em missão na simplicidade própria da comunidade mateana, levando a paz aos corações e às casas. Como a fé cristã é proposta e não imposta, pois, o evangelho deve ser acolhido na mais plena liberdade, fica sempre a possibilidade de rejeição. O êxito e o sucesso não são a meta do missionário, mas o anúncio. Caso alguém acolha a palavra anunciada, essa será uma alegria complementar (FOSSION, 2015). Se, porém, a paz não for acolhida, voltará sobre os evangelizadores e estes, em sinal de protesto contra a opção dos rejeitantes, sacudirão o pó de suas sandálias.

A teologia que subjaz o texto mateano coloca o missionário na condição de servo, uma pessoa disponível, pobre e obediente tal como o Mestre, Jesus de Nazaré. Primeiramente, o apóstolo deve ouvir atentamente seu mestre, tomar coragem e abdicar-se de suas regalias, a fim de testemunhar com sua vida o que é realmente necessário para a efetivação do Reino dos céus. A obediência de ir, de

lançar-se no mar do mundo para pescar gente, já serve de testemunho. A coragem de não levar consigo um instrumento de defesa ou de pastoreio, o cajado, revela um discípulo-apóstolo confiante, que se fia apenas na bondade de Deus. O mesmo acontece em relação ao sustento imediato do missionário, o pão nosso de cada dia, que jamais falta.

Como no tempo de Mateus, a Igreja de hoje também é chamada a revelar ao mundo a mensagem da paz, mas não uma paz que seja apenas ausência de conflitos e guerras. Faz-se urgente a construção de uma civilização da paz. Uma paz que corresponde à inteireza de coração, de alma, de espírito, no cuidado do corpo e da mente. Uma paz que se compromete com a justiça, que é fruto da justiça e do respeito por cada ser humano. Sem isso, a paz seria panaceia ou placebo para corações desalentados.

O anúncio do evangelho, apesar dos percalços do caminho, deve ser tarefa prioritária do seguidor de Jesus. Não se pode ter medo de anunciar a boa nova; ela é palavra que faz viver, caminho seguro para o encontro com o mais profundo de si mesmo e com o outro.

3 Eclesiologia missionária de Francisco

Não é difícil perceber a sintonia entre o discurso missionário de Mateus e a eclesiologia missionária do Papa argentino. Três traços da eclesiologia de Francisco serão aqui realçados: 1) igreja em saída e em estado de missão, 2) igreja pobre para os pobres e 3) igreja que anuncia e vive a paz, o *shalom* messiânico. Tais características têm um significado especial no campo da evangelização, trazendo repercussões diretas para o fazer missionário.

3.1 Uma igreja em saída e em estado de missão

A primeira ordem de Jesus no discurso de Mateus é “ide”. Falando à comunidade dos discípulos, fica registrada a necessidade de a *ecclesia* não viver para si mesma, mas para fora, para o mundo. Mateus projeta uma igreja em estado de missão, o que se é facilmente observado também nos escritos de Francisco.

Pulsa no coração do Papa atual o desejo de uma igreja em atitude constante de missão. Trata-se de um paradigma eclesiológico, diferente daquele ao qual nos afeiçoamos na cristandade, como lembra o jesuíta Mário de França Miranda (2006). Uma igreja que se desfaz do eclesiocentrismo e foge a léguas da autoreferencialidade.

Na *Evangelii Gaudium*⁵, Francisco fundamenta seu projeto missionário no direito de todas as pessoas receberem o Evangelho e na obrigação de os cristãos anunciá-lo.

Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’. (EG 14).

A alusão à transmissão da fé como atração mostra bem a compreensão missionária do Papa e o situa claramente no complexo mundo atual, plural e multirreferencial, no qual a fé cristã não tem hegemonia e a Igreja Católica não tem mais a última palavra. Para ele, o cristão não pode ficar tranquilo, em espera passiva, nos templos (DAp⁶ 548), acomodados ao fazer pastoral da cristandade, enquanto uma infinidade de homens e de mulheres carece de uma palavra que faz viver.

Para propor uma igreja em saída, Francisco se baseia no dinamismo próprio da fé cristã, que é – por natureza – saída: saída de si e saída dos espaços de segurança. A fé é risco e crise, lembra o teólogo francês Jean-Louis Souletie (2002). Francisco entende que “na palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’” (EG 20). Abraão deixou sua terra e partiu conforme Deus lhe ordenara (Gn 12,1-3). O povo de Israel saiu do Egito em busca de libertação (Ex 13,17). Jesus, a Palavra que se fez carne (Jo 1,14), saiu do Pai (Mc 1,39) e se fez homem entre nós (Fl 2,6-11). Os discípulos saíram em missão enviados pelo Mestre (Mt 10). Os primeiros cristãos saíram de Jerusalém e pregaram a Palavra até nos confins da terra (At 1,18). Assim, todos são convidados a “sair da própria

⁵ Exortação Apostólica do Papa Francisco, a partir daqui identificada pelas iniciais EG.

⁶ Documento de Aparecida, V Conferência Episcopal Latino-americana e do Caribe (2007), do qual Jorge Bergoglio, bispo de Buenos Aires e futuro Papa Francisco, foi o primeiro secretário.

comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.” (EG 20).

Para Francisco, seguir Jesus é entrar na lógica da cruz, que não é primeiramente sinal de dor e morte, mas de amor e do dom de si. Por isso, não é possível falar de discipulado de Jesus sem esse dinamismo de saída. Para o Papa, esse deslocamento é condição para a ação evangelizadora. Seu apelo é para “sairmos de nós mesmos, de um modo de viver a fé cansado e rotineiro, da tentação de nos fecharmos nos nossos esquemas, que acabam por fechar o horizonte da obra criativa de Deus.” (FRANCISCO, 2014, p. 61).

A parábola da ovelha perdida (Mt 18,12-14 // Lc 15,4-7) retrata essa saída e o risco do deslocamento dos espaços de conforto. O bom pastor não se contenta em permanecer no recinto das noventa e nove ovelhas alegrando-se com as que ele tem junto de si. Ele sai à procura da ovelha tresmalhada, a mais distante. Francisco nos convida a “sairmos de nós, como Jesus, como Deus saiu de si mesmo em Jesus, e Jesus saiu de si próprio por todos nós.” (FRANCISCO, 2014, p. 61). Apavora Francisco a ideia de uma igreja voltada para si mesma, de um agente pastoral ou ministro da igreja que,

em vez de ser mediador, se torna pouco a pouco um intermediário, um gestor. A diferença é bem conhecida de todos: o intermediário e o gestor “já receberam sua recompensa”. É que, não colocando em jogo a pele e o próprio coração, não recebem aquele agradecimento que nasce do coração. (FRANCISCO, 2014, p. 77).

Daí o insistente apelo que não cessa de ecoar dos escritos de Francisco: “sede pastores com o ‘cheiro das ovelhas.” (FRANCISCO, 2014, p. 78). O Papa afirma que prefere “mil vezes uma igreja acidentada, que sofreu um acidente, do que uma igreja doente por estar fechada.” (FRANCISCO, 2014, p. 79). Para ele, o fechamento em “estruturas decadentes.” (FRANCISCO, 2014, p. 79) é bem mais danoso que o risco do erro. Sair de si em direção às periferias existenciais (2014, p. 79), esse é o conselho de Francisco para todos os homens e as mulheres de fé.

Mas de onde a Igreja deve sair? De si mesma (FT 97). E para que? Para “ir ao encontro de...”, afirma Francisco (2014, p. 80). De quem? Dos desprezados do mundo, dos esquecidos da sociedade, das periferias existenciais (EG 20). Para o

Papa, o movimento de saída gera a tão desejada “cultura do encontro” (2014, p. 80; FT 216).

Francisco combate uma espécie de “introversão eclesial”, já denunciada pela exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Oceania* n. 19. Trata-se de uma deformação eclesial: a igreja, esquecida de sua tarefa missionária, curva-se em endogenia, pois circunscribe sua ação sobre si mesma. Cessa de olhar para fora e se põe a olhar para o próprio umbigo: sua subsistência, seu crescimento, sua defesa, suas regras e seus costumes, sua doutrina e sua moral, seu modo de ver a vida e o mundo. A Igreja adoece por fechamento. Obtusa, prefere a obscuridade da caverna das certezas à luz intermitente do diálogo. Para o Papa, não pode haver risco maior que a igreja não se abrir para o diálogo fecundo com o outro e ficar sentada confortavelmente em meio a seus interesses, esperando que as pessoas venham até ela.

O discurso e a prática pastoral de Francisco, assim como o envio de Jesus aos Doze e a ordem “ide” presentes no discurso missionário do evangelho de Mateus, convidam a uma inversão pastoral. A Igreja da cristandade – que ocupava sempre o centro das cidades, desenvolvendo sua atividade pastoral a partir dessa centralidade – é interpelada a sair de diante do espelho e a olhar ao seu redor.

Por muito tempo, a pastoral católica tem se firmado sobre dois pés: o centro e o convite. Quem tem o centro faz o convite (SANDER, 2015). Nessa configuração eclesial, o agente pastoral não precisa se deslocar nem existencialmente e nem mesmo geograficamente. As pessoas interessadas, interpeladas pelo convite, vão até o centro no qual os agentes se estabeleceram (SANDER, 2015). Para Sander, “centro e convite são os gêmeos dessa pastoral; isso é topologicamente incontornável.” (SANDER, 2015, p. 137).

Acontece, porém, que “numa civilização em processo intenso de urbanização, esses centros e seus convites se revelam como ilusão e utopia.” (SANDER, 2015, p. 137). Francisco percebeu isso e sugere outro modelo eclesial. Não mais uma igreja que ocupa o centro e faz o convite, mas uma igreja pastora que vai atrás da ovelha perdida. A iniciativa do “ide” pertence aos que creem, aos enviados, e não aos homens e às mulheres dispersos pelas cidades e vilas. Para

Mazzarolo, que comenta a *Evangelii Gaudium*, a centralidade dificulta uma pastoral nas periferias, assim como afeta sobremaneira a relação da comunidade de fé com aqueles que estão na condição de periféricos (MAZZAROLO, 2014, p. 195- 203).

O que se impõe à pastoral hoje, e Francisco percebeu isso, é a dissolução desse lugar central que a igreja ocupa, assim como a falência da técnica do convite, que quase sempre consegue atingir somente os já-alcançados. Sem essa atitude de saída, a igreja fala para si mesma, para os que já possuem laços de pertença. Logo, ela não evangeliza. Apenas recebe a confirmação de suas palavras da parte daqueles que já têm ouvidos aptos para seu discurso. Como uma adolescente que não cessa de tirar *selfs* e permanece constantemente com sua imagem diante de si mesma, a igreja que não se encontra em estado de saída desenvolve uma espécie de narcisismo eclesial e não consegue enxergar o que está fora do enquadramento de sua câmera fotográfica.

Ao contrário do que parece à primeira vista, no Evangelho de Mateus, quando Jesus envia os Doze às ovelhas perdidas da casa de Israel, o evangelista não tem em mente um grupo fechado. Para Mateus, a missão dos cristãos não está circunscrita no redil do judaísmo, como se a boa nova não fosse universal. Ao contrário, a ordem de Mateus expressa uma coragem audaciosa, como gosta de falar Francisco, pois é exatamente no meio do povo considerado eleito que as rejeições e os embates mais acirrados vão se configurar, assim como a atitude de indiferença à fé cristã. Se a princípio parece que Mateus é reducionista na circunscrição do envio – não ir às cidades dos gentios ou dos samaritanos –, a realidade é bem diferente. Não é por endogenia que Mateus ordena o “ide às ovelhas de Israel”, mas por coragem de testemunhar a boa nova para aqueles que mais obstáculos colocavam ao anúncio de Jesus como messias.

Na esteira de Mateus, Francisco também não quer falar somente para os que já aderiram à fé cristã. Quer fazer a boa nova ecoar nos espaços em que ela ainda não circula; quer fazê-la chegar aos ouvidos de todo homem e de toda mulher, não para atraí-los para as comunidades eclesiais e encerrá-los em espaços igrejeiros, num proselitismo estéril, mas para ir ao encontro deles (2014, p. 80), para dialogar, entrar em comunhão, cuidar e amparar. Independente da

aceitação da fé transmitida, Francisco acredita que todos os humanos são chamados a engrossar o condão da esperança.

Para que essa rede de solidariedade seja tecida, Francisco entende que a igreja deve se repensar para que não se torne “uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos.” (EG 28). É preciso mirar o alvo e seguir em frente; sair da zona de conforto e ir ao encontro especialmente das periferias existenciais. Para ele, um pouco de ousadia missionária evita o “cômodo critério pastoral; ‘fez-se sempre assim’.” (EG 33).

A coragem pastoral leva a “repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.” (EG 33). E, ainda que os esforços se mostrem ineficazes, Francisco afirma que terá valido a ousadia de tentar, de sair da comodidade, de ir ao encontro do outro, “de promover a cultura do encontro.” (2014, p. 53). Ele prefere “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento.” (EG 49), acomodada em suas próprias seguranças. Prefere seus pastores em risco, como ovelhas em meio a lobos, que fechados na segurança de um redil que se condena ao ostracismo dos puros. Como afirmou Mazzarolo, os verbos “primeireiam (tomam iniciativa), acompanham, frutificam e festejam.” da *Evangelii Gaudium* mostram o movimento de saída que Francisco espera de sua igreja (2014, p. 209- 222).

3.2 Uma igreja pobre para os pobres

Francisco tem insistido, não só por meio de seus gestos de desapego, mas também de seus documentos, que ele deseja “uma igreja pobre e para os pobres”, ou seja, uma igreja pobre no seu jeito de ser e de fazer missão.

O projeto de “uma Igreja pobre e para os pobres” está no centro das preocupações e orientações pastorais de Francisco e é a marca evangélica mais característica de seu ministério pastoral. É o que o vincula de modo mais visível e radical à Boa Notícia do reinado de Deus, centro da vida e missão de Jesus de Nazaré. Aqui está o núcleo e a pedra de toque de seu ministério e do movimento de conversão e/ou reforma pastoral por ele desencadeado e conduzido (cf. *Evangelii Gaudium* 20-33). (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 643).

O deslocamento dos próprios interesses descortina novos horizontes. Num movimento de saída de si, estampa-se com clareza a realidade inegável dos empobrecidos da terra. “Se sairmos de nós mesmos, encontraremos a pobreza.” (FRANCISCO, 2014, p. 80), afirma Francisco. Pobreza que não faz mais corar a cara dos poderosos, que não incomoda mais os cristãos, que não interpela mais a igreja a uma ação profética. Francisco fica estarrecido que a morte dos pobres não seja mais notícia, que não escandalize mais (FRANCISCO, 2014, p. 80). Os pobres se tornaram parte da paisagem urbana, mera estatística da ONU ou dos governos nacionais. Justamente eles, identificados como a carne de Cristo (FRANCISCO, 2014), são postos de lado nas prioridades da igreja. Mas, ao contrário,

quando os pobres se tornam o centro da Igreja, eles dão direção e sentido a tudo o que legitimamente [...] e necessariamente [...] constitui a realidade concreta da Igreja: sua pregação e ação, suas estruturas administrativas, culturais, dogmáticas, teológicas etc. (SOBRINO, 1982, p. 103).

Em continuidade com a mais genuína tradição da Igreja, Francisco entende que não é na piedade, na devoção ou na prática litúrgica que se reconhece a igreja de Cristo, mas no desapego dos bens materiais em favor dos mais empobrecidos. Para ele, “a Igreja pobre para os pobres começa por se dirigir à carne de Cristo.” (FRANCISCO, 2014, p. 81).

Assim como Mateus, Francisco mostra a radicalidade do evangelho no que diz respeito à partilha, à fraternidade e ao desapego dos bens materiais. Seu sonho é “uma igreja pobre para os pobres” (EG 198), sem riquezas, sem ganâncias; uma igreja livre para amar e servir. Nem ouro, nem prata, nem cobre nos cintos (Mt 10,9). Apenas uma confiança inabalável na bondade divina de que não faltará ao discípulo-missionário o alimento a que tem direito (Mt 10,10). Nem bolsa para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão (Mt 10,10) para se proteger, pois Deus mesmo é sua proteção. Para o Papa argentino, “a consequência do amor ao Senhor é entregar tudo – tudo até a própria vida – por Ele.” (FRANCISCO, 2014, p. 56).

A prática do cuidado com o pobre é entendida por Francisco como uma prioridade e como tarefa de todos os cristãos. “Para toda a Igreja é importante que o acolhimento do pobre e a promoção da justiça não sejam confiados apenas

a ‘peritos’, mas sejam uma atenção de toda a pastoral [...]” (FRANCISCO, 2014, p. 86). Assim, a opção pelos pobres não é uma escolha, mas uma imposição da fé cristã e deve “traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200). São eles, os pobres, a menina dos olhos da igreja. E, porque eles são amados de maneira incondicional, a igreja deve se assemelhar não a uma alfândega, que vistoria e observa entradas e saídas sob rigorosas legislações, mas à “casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47). Afinal, como afirmou seu predecessor João Paulo II,

Sem a opção pelos pobres, ‘o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade de comunicação diariamente nos apresenta’ (João Paulo II – *Novo millennio ineunte*). (EG 199).

Francisco, como o evangelista Mateus, envia seus discípulos-missionários com a forte recomendação de não selecionar seu público conforme os interesses de comodidade e sucesso. “Em qual cidade ou aldeia entrardes, indagai quem nela é digno e ali permaneci até que saiais.” (Mt 10,11). Apenas o critério “ser digno” deve ser observado. Certamente, a dignidade não diz respeito ao cumprimento de normas religiosas nem mesmo à ausência de fraquezas e pecados, mas sim ao peso da palavra que o discípulo transmite. Se cada pessoa já é digna da boa nova, muito mais os pobres por quem Jesus nunca escondeu sua preferência. É para as periferias existenciais que Francisco, como o Mestre de Nazaré, lança seu olhar mais caridoso, mais complacente, e é para os excluídos do mundo que ele destina seu amor primeiro. São os pobres o foco de seu afeto, e seu olhar misericordioso se dirige a esses em primeiro lugar.

A Igreja dos pobres é uma Igreja na qual os pobres estão no centro; uma Igreja que se faz a partir e em função dos pobres e que encontra neles seu princípio de estruturação, organização e missão. E isso marca e determina radicalmente a Igreja em sua totalidade. (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 642-643).

Uma igreja pobre se revela como cuidadora, com sua atenção completamente voltada para o sofrimento dos pobres. Ela se empenha na luta para que esses possam participar dos bens necessários para a vida. Negar esse direito aos pobres, como dizia João Crisóstomo, “é roubá-los e tirar-lhes a vida”, pois “não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos.” (EG 57).

Sabendo que “a desigualdade é a raiz dos males sociais” (EG 202), Francisco interpela a sua igreja a se comprometer com a Palavra de Deus, que ensina que, “no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação” (EG 179). Se no irmão encontra-se outro Cristo, a tarefa evangelizadora não pode se furtrar do compromisso com a “promoção integral de cada ser humano” (EG 182).

Recordando alguns textos bíblicos especialmente a Primeira Carta de João (3,17) e a Carta de Tiago (5,4), Francisco convida a igreja a reconhecer o clamor do pobre e a assumir que “a exigência de ouvir esse clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós.” (FRANCISCO, 2014, p. 26). A tarefa de dar de comer aos pobres significa “cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, com os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias mais concretas que encontramos.” (FRANCISCO, 2014, p. 26).

Para Francisco, a opção pelos pobres é uma categoria teológica muito mais que cultural, sociológica, política ou filosófica (FRANCISCO, 2014, p. 26), pois Deus mesmo se mostra no pobre sofredor. Segundo Aquino Júnior, na *Evangelii Gaudium*, “os fundamentos teológicos da “opção pelos pobres” são claros: “deriva da nossa fé em Jesus Cristo” (EG 186), “deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós” (EG 188). Não é uma questão meramente opcional. É algo constitutivo da fé cristã (cf. EG 48).” (AQUINO JUNIOR, 2016, p. 643). Essa preferência do Deus de Jesus Cristo pelos mais frágeis e vulneráveis tem consequências concretas na vida da comunidade dos crentes que, dia e noite, é interpelada a também tomar o partido dos pequeninos. A igreja não seria de Cristo se ela andasse na contramão dessa escolha, pois o Cristo é aquele que se fez pobre para enriquecer a humanidade com sua pobreza.

3.3 Uma igreja que anuncia e vive a paz

Quando se sabe que apenas oito ricos acumulam bens que correspondem ao que quatro milhões de pessoas tem para viver, fica escancarada a desigualdade social. “Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados.” (FT 22). Diante dessa realidade, a igreja

pobre para os pobres não teme em afirmar que, no acúmulo de uns poucos, encontra-se a razão para a miséria de milhões. Para Francisco, essa desproporcionalidade no usufruto dos bens do planeta não pode ser vista com naturalidade nem legitimada pela religião cristã. Ela gera “uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais.” (EG 60). Se a Igreja de Cristo é anunciadora da paz, é também em primeiro lugar denunciadora das desigualdades sociais.

Para Francisco, o desenraizamento da violência exige a partilha dos dons.

Enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar a explosão. (EG 59).

Uma sociedade edificada sobre as bases da desigualdade social será sempre violenta, tornando-se impeditiva da paz verdadeira (TF 235). “Ignorar a existência e os direitos dos outros provoca, mais cedo ou mais tarde, alguma forma de violência” (FT 219). E a igreja, por fidelidade a seu Senhor, não pode se conformar com esses abismos sociais. Para a fé cristã, a paz é fruto da justiça e da partilha. Ela não é entendida “como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras.” (EG 218).

Para Francisco, é falsa a paz que legitima a exploração dos grandes sobre os pequenos. “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética.” (EG 218), uma voz que denuncie os desmandos da economia da exclusão em defesa dos pobres e da verdadeira paz, que é *shalom*, estado de bem-estar e tranquilidade que atinge a integralidade do humano. Para Aquino Júnior, que lê a *Evangelii Gaudium*,

Temos que dizer não a uma “economia da exclusão” (EG 53s), à “nova idolatria do dinheiro” (EG 55s), a “um dinheiro que governa em vez de servir” (EG 57s), à “desigualdade social que gera violência” (EG 59s). “Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” (EG 204). E temos que lutar por uma nova “política econômica” (cf. EG 203) que garanta condições de vida decente para todos (cf. EG 192). Sem isso não é possível nenhum “consenso” social autêntico nem haverá paz no mundo (cf. EG 218). (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 649).

Segundo o Papa, o *shalom* não cai do céu. É uma construção “laboriosa, artesanal” (FT 217); “é um empenho que se prolonga no tempo. É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça.” (FT 226). Francisco chega a falar em “artesanato da paz” (FT 231), um trabalho cuidadoso que exige paciência e diálogo, na contramão do silenciamento das reivindicações sociais (TF 217). Para ele, “uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência” (EG 219). Do mesmo modo que os Doze, no Evangelho de Mateus, são enviados por Jesus como missionários do *shalom*, cada cristão “é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de conservá-lo, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros.” (FRANCISCO, 2014, p. 98).

Considerações finais

Francisco se mostra muito afinado com a proposta de Mateus, presente no discurso missionário. Coragem para sair em missão, desapego e pobreza, cuidado com os mais fracos e anúncio da paz que é fruto da justiça, todas essas características são algumas das intuições mateanas que se encontram registradas nos escritos do pontífice.

Dentre esses escritos, destaca-se a *Evangelii Gaudium*, exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Nela Francisco convida sua igreja a romper definitivamente com o isolamento e a se imiscuir no mundo, especialmente no meio das populações mais vulneráveis. Insiste na necessidade de uma igreja pobre para os pobres, ao modo da comunidade dos seguidores de Jesus que repartiam seus bens e colocavam os dons a serviço de todos.

Essa capacidade de partilhar, de reconhecer em cada pessoa uma dignidade que lhe é intrínseca, se mostra geradora de paz e bem-estar integral. O Papa sabe que a boa nova, o evangelho da alegria, é fonte de paz e bem-estar para todos. Mas, como grande conhecedor da alma humana, Francisco adverte para que a paz cristã não seja confundida com uma paz alienante, que se estrutura sobre a miséria e a opressão dos povos. Deseja que suas palavras reverberem

conversão nos corações dos cristãos e produzam uma igreja em saída, sem medo do mundo, pronta para acolher e amar a todos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Uma igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral. Curitiba: **Pistis & Praxis**, v. 8, n. 3, p. 631-657, set./dez. 2016.
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1990.
- FOSSION, André. **O Deus desejável**. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: a alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **A Igreja da misericórdia**: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.
- MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MAZZAROLO, Isidoro *et al.* **Evangelii Gaudium em Questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MIRANDA, Mário de França. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.
- NAVARRO, Enrique Farfá. **Gramática do hebraico bíblico**. São Paulo: Loyola, 2010.
- ORTIZ, Pedro. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2008.
- SANDER, Hans-Joachim. O sinal dos tempos e o Deus que mora na cidade: sobre a topologia urbana da fé cristã. *In*: GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida (Orgs.). **Teologia pública: deslocamentos da teologia contemporânea**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. p. 123-140.
- SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja**: Os pobres, lugar teológico da eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1982.
- SOULETIE, Jean-Louis. **La crise, une chance pour la foi**. Paris: Les Editions Ouyères, 2002.
- VIVIANO, Benedict. T. O Evangelho segundo Mateus. *In*: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. **Novo Comentário do Novo Testamento São Jerônimo**. Santo André/São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2011.